



A CONTINUAÇÃO DE
A CASA
DE VIDRO

Um berço
DE HERAS

ANNA
FAGUNDES
MARTINO

DAME
BLANCHE



Um berço
DE HERAS

DAME
BLANCHE

Um berço
DE HERAS

ANNA
FAGUNDES
MARTINO

1ª edição
2017

Copyright © 2017, Dame Blanche, Anna Fagundes Martino

CAPA

Marina Avila

REVISÃO

Ana Cristina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Samuel Cardeal

Dados de Catalogação na Fonte (CIP)

Andrea de Oliveira Alves CRB 8ª Região 8963

M348u Martino, Anna Fagundes

Um Berço de Heras./ Anna Fagundes Martino – São Paulo: Editora Dame Blanche, 2017.

1003 Kb; ePub.

ISBN: 978-85-92997-02-1.

1. Literatura Brasileira. 2. Novela. 3. Fantasia Histórica. I. Título.

CDD 869.93

Todos os direitos reservados

SUMÁRIO

CRÉDITOS

PRÓLOGO - MONS, BÉLGICA, 1914

I. 1924

II. UM SOL ETERNO

III. UM MINUTO DURA MUITO TEMPO

IV. O CONTRÁRIO DA NATUREZA

V. CAVETE TIS QUOS NATURA SIGNAVIT

VI. UM PARAÍSO COM OUTRO NOME

VII. 1926



PRÓLOGO - MONS, BÉLGICA, 1914

O CAPITÃO NIGEL HASTINGS, após uma noite de pesadelos, foi despertado ao amanhecer por um som que lembrava os rugidos de um leão.

O ruído vinha do necrotério, uma instalação improvisada pelos voluntários da Cruz Vermelha no que, um dia, havia sido uma bela capela dedicada à santa padroeira de Mons. Agora era apenas uma estrutura mal-ajeitada, com buracos de morteiro no teto e de tiros nas paredes, cujo odor de amônia, lama, pólvora, sangue e clorofórmio era sentido a quinhentos metros em todas as direções.

Juntou gente de todo lado para testemunhar o ocorrido: lá estava o oficial Éamonn Delaney, da Guarda Irlandesa, olhos castanhos muito arregalados e sem foco, o rosto e o pescoço tão rubros quanto seu cabelo. Estava sentado no que deveria ser seu caixão, agarrando o rosário de contas

verdes que tinham posto em suas mãos inchadas e ainda muito pálidas, rígidas do *post mortem* do qual tinha sido rudemente despertado.

O capelão da tropa, gaguejando, não sabia se jogava água benta no rapaz de Belfast ou se mandava chamar o bispo para comprovar o milagre. Os outros soldados da Guarda não tiveram a menor dúvida do que fazer: caíram de joelhos no meio do mármore encardido e puseram-se a rezar. O médico do pelotão, parado diante do homem que pronunciara morto horas antes, tentava examinar o soldado sem sucesso, sendo enxotado com empurrões pelo ex-cadáver enfurecido, que xingava tudo e todos em um idioma que poucos ali compreendiam.

Nigel se aproximou do caixão e arrancou as plantas que se enrolavam nos pés e nas pernas do seu ocupante. As folhas verdes em seus caules escuros cortavam os dedos e faziam a pele arder. E em nenhum momento o ruído cessou.

Anos depois, as pessoas diriam que anjos tinham salvado a pele do pelotão britânico em Mons. Aquela era uma informação sempre dita em voz baixa e olhos no chão, o corpo se encolhendo involuntariamente para contar um segredo que pode alterar os mundos. Eles estavam condenados à morte e à desonra após uma série de estratégias falidas de ataque, o exército alemão tripudiando sobre eles e engolindo o que restava da Bélgica traída e abandonada.

Quem contava a história sempre terminava dizendo a mesma coisa: tantas tinham sido as baixas e tamanho era o desespero da tropa que só

mesmo Deus, na forma de estranhas figuras que marcharam à frente de todos como os arqueiros da mítica batalha de Azincourt, poderia ter salvado a tropa.

E quem estava lá fazia questão de relembrar do soldado ressuscitado em um misterioso berço de heras, um homem renascido com a fúria de uma fogueira santa: se aquilo não tinha sido um sinal de que Deus estava com eles, o que mais poderia ser?



I. 1924

OS CARCEREIROS DO PRESÍDIO de Crumlin Road, no norte de Belfast, tinham um método bem eficaz para emudecer até mesmo os prisioneiros mais ferozes: entravam nas celas sem aviso e mediam o tanto de corda que seria preciso para enforcá-los. Faziam isso especialmente com os homens que ainda não tinham sido julgados, para que eles tivessem uma ideia do que lhe esperava se o juiz proferisse a sentença sem volta: um laço de nó móvel que decretaria o fim de seus dias.

Enforcamentos são uma ciência exata: o peso do futuro cadáver, a circunferência do pescoço, a constituição do corpo, tudo influencia o resultado final. A ideia do executor era garantir que tudo terminasse o mais rápido possível – não necessariamente sem dor para o condenado, como era possível de concluir pelo modo como os carcereiros comentavam sobre os homens que tinham dançado no cadafalso antes, pelo modo como tratavam os

corpos enterrados sem nome nem prece nos fundos da prisão – iniciais e data de morte na parede o único indicativo de sua passagem pela Terra.

Para o desprazer dos carcereiros, no entanto, o homem na cela de número dezoito nunca esboçava reação ao ter a corda de sisal apertada a ponto de arrancar sangue; ele apenas mantinha os olhos castanhos focados em algo na distância, esperando em silêncio pelo fim da sessão de tortura, indiferente aos comentários sobre sua aparência ou seu crime. Ele não atendia mais pelo próprio nome, tampouco: como os criminosos mais perigosos, ou os homens à beira da canonização, ele era mais conhecido por um apelido que não fazia muito sentido, a não ser que você o conhecesse.

– Sendo bem honesto com o senhor... – o chefe dos carcereiros disse naquela manhã para seu visitante uniformizado, enquanto cruzavam o corredor central da cadeia. – O sujeito também ficou bem surpreso da primeira vez que aconteceu. Quase chorou quando a gente limpou a cela, feito criança quando perde o brinquedo.

– Mas aconteceu de novo no dia seguinte.

– E em todos os dias desde então, senhor. Três semanas, já. Não falha nem um dia sequer. É por isso que achei melhor convocar ajuda. A gente até chamou um padre, o senhor vê, mas o bicho lá não abriu a boca! O médico daqui disse que ele não é nem surdo e nem mudo, entende direitinho o que estamos dizendo. Então... O senhor vê... Ele não tem família, não tem registro. Tudo que a gente achou foi que ele serviu o Exército. Se o senhor diz que o conhece, então, né... Talvez consiga arrancar alguma coisa dele.

– Do que ele foi acusado?

– De ter matado um policial. Deve ter matado. O senhor vai ver, capitão Hastings. É um demônio! Esses católicos encardidos sempre falam de anjos e dos santos, mas são eles os piores tipos. Não se mexe, passa o dia olhando pro teto como se já tivesse morrido. Não recebe visita, mal come. Tô dizendo, o sujeito tem pacto com o tihoso, ninguém acredita em mim. Deve estar planejando nossa morte enquanto dorme, o filho da mãe.

Nigel Hastings não fez nenhum comentário, apenas observou o chefe dos carcereiros abrir a pesada porta da cela.

O verde cegou os olhos do militar por um instante muito breve. Heras, heras em todos os cantos: nas paredes, no teto, no chão, uma cortina que tapava a luz do Sol que vinha da ridícula janela no alto do cômodo. Plantas se acumulavam em grossas camadas: orquídeas em tons ofensivos de rosa e camélias brancas como cera disputavam o espaço de quatro metros por dois com cogumelos, capuchinhas e dentes-de-leão. No centro da floresta, alto demais para seu catre na cela, mãos trançadas atrás da nuca e olhos fechados, o homem apelidado de Jardineiro parecia dormir. O macacão de brim grosso contrastava com o rubro do cabelo que insistia em crescer em tufo mesmo após ter sido raspado, como era costume aos prisioneiros recém-chegados. Ele ainda carregava em si as equimoses de sua passagem por uma delegacia de bairro, semanas antes.

Nigel sentiu o estômago mareado, o suor frio a lhe empapar a nuca. Se fechasse os olhos, poderia ouvir novamente o som dos morteiros, sentiria o

cheiro de éter e gás mostarda em suas narinas, queimando-o uma vez mais. E, acima de todas aquelas sensações, os rugidos que lhe acompanhavam em pesadelos desde aquele amanhecer funesto, tantos anos antes.



II. UM SOL ETERNO

– TIA STELLA – o menino mais velho perguntou, abraçando melhor seu urso de pelúcia – Por que toda história de dormir começa com “era uma vez”?

– Ora, não sei! – Ela riu um pouco. – Começamos de outro jeito, se você prefere.

Sentada no chão entre os dois leitos pequenos, o queixo apoiado nos joelhos, Stella parecia mesmo uma criatura de contos de fada. Os dois sobrinhos a adoravam. Era a titia que vinha de longe, ninguém sabia bem de onde. Era uma mulher que não tinha medo nem de aranhas nem de lagartixas, que não ralhava se eles brincavam na lama e que sempre tinha bolinhas de gude, caramelos, penas e pedras nos bolsos. Era a única adulta que eles conheciam que andava por aí com as barras dos vestidos com manchas de lama e de poeira, que fazia truques de mágica com joaninhas e besouros, que

se ocupava com as plantas da estufa como se fosse um parque de diversões ao invés de uma preocupação nojenta.

Seus dedos eram compridos e cheios de calinhos estranhos, ao contrário das mãos das outras mulheres que conheciam. Sua pele era dourada e não rosa ou branca. Seus cabelos eram grossos e pesados, tão diferentes dos fios finos que caíam na testa de Mark, o pai das crianças e meio-irmão de Stella, no momento encostado no batente da porta fiscalizando os rituais de boa noite com um ar distraído, um ouvido prestando atenção no quarto dos filhos e o outro atento aos ruídos no corredor, com medo de que a esposa precisasse de ajuda e ele não fosse capaz de escutar.

– É melhor eu fechar a janela. – Stella ergueu-se. – Vai começar a chover logo.

– Titia, por que a senhora tem essas manchinhas? – o menino mais novo apontou as pernas da jovem. As marcas da cor de jade pareciam uma carapaça nas canelas e joelhos. Se qualquer um dos dois garotos tentasse tocá-la, perceberiam que a pele da tia era fria e rígida como o mármore do chão de casa.

– Ah, eu nasci assim! – e foi explicação suficiente. Os primeiros pingos de água começavam a cair quando Stella voltou a sentar-se entre as duas camas. – Pois bem. Nada de ‘era uma vez’, então?

– E nada de princesas! – o menino mais velho disse.

– Posso contar uma história que aconteceu lá na terra de onde eu vim, sobre um homem que era filho do Sol. Que acham?

– Como alguém pode ser filho do Sol, titia?

– Sendo. E esse homem era mesmo filho do Sol Eterno. Dava para perceber porque ele tinha o cabelo da cor dos céus quando a tarde se torna noite, e o rosto marcado do mesmo pó que tinge as nuvens de preto quando vem a tempestade. Ele veio de longe, de um mar revolto numa ilha verde como os pinheiros que não se abatem no inverno, porque um dia houve um rei de outro mundo que chamou gente de céus e terras para defender seu reino.

– E o que aconteceu? – o menino mais novo se inclinou na beira da cama para ver melhor a tia.

– Aconteceu que esse homem não gostava de guerra. Nem um pouco. Oh, não olhe assim... Guerras são acontecimentos tristes. E ele era filho do Sol, lembre-se bem. Pense que o Sol ilumina todas as terras deste mundo do mesmo jeito. Como ele poderia tomar partido de um reino ou de outro? Mas ele não poderia recusar o chamado de um rei. E um dia, num dia muito, muito frio, o Sol sumiu dos céus em nuvens de fumaça espessa. E o filho dele se perdeu no caminho de volta para casa. Ele andou e andou, perdido no meio de uma floresta escura, e tanto andou que pegou no sono.

– E então?

– E então ele abriu os olhos, viu que tinha tropeçado numa pedra e voou para dentro da terra das fadas! Imaginem vocês o susto que ele levou? – as duas crianças riram um pouco. Stella cruzou os braços, sua voz um pouco mais leve. – E na terra do Outro Lado, o tempo é diferente. Um minuto é um dia, uma hora é um mês inteiro. Lá é sempre Verão e nunca chove, imaginem. E ele viveu por tantos dias entre a gente do outro lado que nem percebeu direito que as plantas não mudavam de cor e que a neve não vinha... E o Sol no alto dos céus ficou preocupado porque o filho tinha desaparecido da terra e disse que não nasceria de novo nos céus daqui se ele não voltasse para casa.

– E ele voltou?

– Ah, voltou bem depressa! A gente sempre tem que obedecer pai e mãe. Voltou e acordou exatamente onde estava antes. A guerra terminou e ele voltou para sua ilha. E o Sol Eterno ficou tão feliz que o levou consigo, para que ele não andasse mais sozinho e não se perdesse mais. Dizem que, desde então, quando algum soldado se perde, eles olham para cima, para ver se o céu ainda fica rubro quando chega a noite. Aí eles sabem que conseguem voltar, porque lá está ele, o filho do Sol Eterno, fazendo companhia para todas as estrelas no céu azul.

Stella percebeu que os sobrinhos tinham dormido sem ouvir o fim da história. Com um suspiro, ela se ergueu e beijou a testa das duas crianças, como sua mãe costumava fazer com ela no passado. Filhotes de humano eram tão engraçadinhos, pensou enquanto ajeitava as cobertas. Pequenos e

desajeitados, cabeças cheias de sonhos. E num piscar de olhos cresciam para se tornarem aquelas criaturas tão ferozes em suas máquinas de batalha. Eles dormiam de maneira tão despreocupada que ela sentia até um tanto de inveja por não precisar de sono; e também sentia algo como saudade do que ela tinha deixado para trás, ainda que fosse só por alguns dias em contagem de humanos.

– E o filho do Sol Eterno não voltou mais para a Terra? – Mark perguntou, o ombro contra o batente da porta, braços cruzados observando a meia-irmã se erguer do tapete.

– É só uma história. – Stella tentou sorrir, mas seus olhos traíam um ranço de tristeza que logo desapareceu quando saiu do quarto.

– Filhotes de fada não gostam de histórias para dormir?

– Filhotes de fada não dormem. Nem as fadas. Não temos necessidade. Mas nossa mãe contava histórias para mim, quando nos encontrávamos, então aprendi. E vou passando para a frente.

– Você soou como ela. – Mark sorriu um pouco. E era verdade. Stella tinha sangue de humano nas veias afinal, por mais que ele não conseguisse compreender como tinha se dado aquele encontro que a gerara. Ele era apenas um militar: compreendia fronteiras e revólveres, tratados e uniformes. Todo o resto era um tanto confuso, e tanto melhor que fosse: se tentasse explicar, talvez perdesse todo o atrativo.

Era estranho ver Stella em trajes de humano, o cabelo arrumado, as mãos escondidas em luvas. As crianças sabiam muito bem que ela não era como as pessoas que conheciam, mas não se atreviam a dizê-lo em voz alta. Talvez eles não se importassem: estavam naquela idade em que o improvável não existe.

Já os empregados da casa morriam de medo daquela estranha. Os mais velhos, que estavam na propriedade desde antes de Mark nascer, diziam que a visitante era a cara de um jardineiro que tinha trabalhado no local muito tempo atrás, exímio em seu trabalho e um tanto abilolado pelo que se recordavam: um homem que fazia rosas nascerem em pedras, se assim desejasse. Mas quem acreditaria na palavra de cozinheiras e mordomos já senis?

Quando Mark tinha se cansado de esconder a jovem, ele mentira para a esposa dizendo que Stella era filha de um caso de seu pai. Isso era mais fácil do que explicar que a jovem era, na verdade, produto do casamento de um dia entre mundos opostos – e que a raiz que os unia não vinha de um homem, mas de uma mulher. A mãe de Mark, aos dezessete anos, havia se apaixonado por um homem que não era um homem; em uma noite, vivera por um ano e abandonara para trás aquela mulher que agora contava histórias para seus sobrinhos humanos.

A esposa de Mark não tinha conhecido os sogros. Não poderia dizer quem era o dono das têmporas altas, dos olhos redondos e dos pés desengonçados que os dois irmãos tinham em comum. Tanto melhor que ela

e os outros acreditassem que a culpa de Stella existir fosse de um homem — aquilo, infelizmente, era o esperado.

Mark e Stella caminharam juntos para a sala no andar de baixo. A esposa de Mark dormia; enfim os remédios tinham lhe acalmado. Ele agradecia sempre aos céus quando Stella aparecia, ainda que fosse sem aviso, porque assim as crianças se distraíam um pouco e não ficavam rondando a porta, tentando entrar no quarto. Eles eram pequenos, afinal: queriam colo e atenção, coisas que Mark não conseguia oferecer a contento.

Uma vez no escritório, Mark afastou o jornal em cima da escrivaninha, com um ar chateado, enquanto se sentava em sua poltrona preferida. Stella franziu a testa, míope que era, tentando ler o título.

– “Novas revelações sobre o misterioso jardim de Crumlin Gaol”. – ela disse, o nariz pontudo quase encostando no papel. – Pronunciei a palavra corretamente? O que é um *gaol*?

– Uma prisão. É uma notícia idiota que os jornalistas estão vendendo para encher a cabeça do público de besteira. Um imbecil foi preso em Belfast e agora estão dizendo que ele é um santo porque nascem flores na cela. Deve estar enganando as autoridades para não ser enforcado, isso sim.

– Se está fazendo flores nascerem em concreto... Talvez ele não seja humano.

– Agora você vai me dizer que escapou alguém do seu reino pra ir

matar policiais no meio da noite? Vou começar a ficar com medo de vocês, isso sim.

– Você já tem medo. O que iria mudar? Por favor, leia para mim, não consigo ver direito as palavras nesse papel.

– Mas você me pede cada coisa... Já lhe ocorreu usar óculos quando está aqui? – ele bufou, pegando o jornal. Como ele odiava quando Stella falava sem pensar se ofendia! – Está bem! Lá vai. “Belfast, vinte de maio: as autoridades estão perplexas com a última reviravolta do caso do ex-oficial da Guarda Irlandesa conhecido pela alcunha de Jardineiro de Crumlin Gaol. Testemunhas afirmam que o misterioso Éamonn Delaney, de trinta anos, acusado pelo cruel assassinato de um policial no começo do ano, não poderia estar no local do crime. Delaney, que após a guerra trabalhava como...” Stella! – Mark baixou o jornal, assustado. – Cristo na cruz! Minha mesa!

Heras da cor de esmeraldas tinham tomado toda a extensão do móvel em questão de segundos. A expressão de Stella tinha mudado: as placas de jade agora se estendendo pelo decote do vestido e pescoço acima até quase chegar no queixo. Quando Mark tentou arrancar as plantas com as mãos, um pedaço do tampo da mesa veio junto, e Stella gemeu como se o ex-militar tivesse lhe dado um tapa.

No instante seguinte, era ela de novo, Stella como ele se lembrava, sentada no chão com o jornal amassado entre os dedos muito compridos e finos, as plantas desaparecidas no éter. Se era possível, estava tão assustada quanto ele, respirando tão rápido que as barbatanas de seu traje estavam

quase se arrebetando com o esforço. Mark se viu sentado ao lado dela, amansando-a como fazia quando os filhos caíam no chão, mesmo que ele próprio estivesse em choque.

– O que houve? – Ele disse, tocando o rosto gélido da irmã. – Deus, é gente sua mesmo?

– Pior do que isso – ela disse.

– Pior do que uma fada? O que pode ser pior do que uma fada?

Mas ele sabia a resposta – estava clara em sua mente no instante em que ele formulara a questão. Pior do que Stella e sua gente era quem com eles se envolvia – e sobrevivia para contar.



III. UM MINUTO DURA MUITO TEMPO

*Aos cuidados do primeiro-tenente Mark Brown, Amaranthe Hall,
Sawbridgeworth, Herts, Inglaterra, 30 de maio de 1924*

Estimado tenente Brown,

*Li com extremo interesse sua correspondência, datada da quarta-feira
última, a respeito da oferta de ajuda em relação ao prisioneiro 25-436,
Delaney E. Folgo em saber que existem, dentro de nossas Forças Armadas,
pessoas especializadas neste tipo de situação e agradeceria se pudesse, de
fato, prestar seus serviços para que possamos resolver esta questão de
maneira científica o mais depressa possível.*

*Vossa senhoria deve imaginar, por certo, a quantidade de lunáticos
espiritualistas que nos escrevem pedindo uma audiência com o prisioneiro.
Isso para não falarmos de certo número de católicos e outras denominações
cristãs mais radicais que acreditam piamente nas notícias exageradas
promovidas pelos jornais locais, transformando o prisioneiro em uma espécie
de mártir. Creio que é de domínio público que esta terra já teve "mártires"
em profusão nos últimos meses e anos; não é do interesse da Coroa fabricá-
los mais.*

Se vossa senhoria puder visitar-nos, posso prover acomodações para V.S^a. durante sua estadia. O senhor mencionou sua irmã e, se permite-me a sugestão, creio que seja melhor que ela não venha. Prisões não são ambiente adequado para as representantes do sexo feminino, se o senhor me compreende. Não digo tanto por uma questão de força ou intelecto, mas os prisioneiros não são muito melhores do que animais selvagens. Seria pouco aconselhável expor uma mulher a tal situação.

Com minhas mais cordiais saudações,

Cpt Nigel Hastings

Amaranthe Hall, 5/6/24,

Caro capitão Hastings,

Obrigado por sua resposta rápida para minha carta. Creio que a presença de Stella seja imprescindível para o meu trabalho. Não se preocupe: ela foi enfermeira da Cruz Vermelha durante a Grande Guerra e tem plena capacidade de resistir até mesmo às coisas mais horrendas. Chegaremos em Belfast na manhã do dia 10, se o clima assim permitir. Esperaremos o senhor (ou seus representantes) no porto ou no mais nos dirigiremos diretamente para Crumlin Road. Informe o que for preferível.

Atenciosamente,

Mark Brown

Mark arranhou outras roupas para Stella: trajes um pouco mais modernos do que o vestido azulado, que tinha sido bonito quando ele era criança, mas que agora só senhoras muito afeitas às modas do passado utilizavam. Mangas compridas em veludo e renda escondiam as manchas esverdeadas dos braços, babados e laçarotes disfarçavam o pescoço; luvas

fechadas ocultavam os dedos calejados, tons escuros disfarçavam sua presença entre a multidão que coalhava a rua diante do presídio.

A chuva fina não era suficiente para apagar as velas dispostas em um canto escuro do muro, próximo ao portão, ao lado de rosas murchas e imagens de homens barbudos em papel laminado: São Patrício, padroeiro dos irlandeses, e São Fiacra, que além de ser filho da terra também era o santo protetor dos jardineiros. Mensagens já desbotadas pela água e pelo sereno pediam pela libertação de Éamonn Delaney em nome de deuses e criaturas que Stella não conseguia compreender. A julgar pela expressão desanimada dos guardas à porta do prédio, as tentativas de remover o altar improvisado eram mais do que inúteis: eram provavelmente tão impossíveis quanto impedir as leis da gravidade de funcionar.

– Stella, pelo amor de Deus, pare de se coçar! Parece que você tem piolho! – Mark disse entredentes, enquanto caminhavam para a entrada da prisão.

– É que está *queimando*! – ela respondeu no mesmo tom – Como vocês conseguem usar isso? É tortura! E esse chapéu! Pior do que as mangas das camisas! Pior do que sapatos!

– Faça um esforcinho, sim? Afinal, você me arrastou até aqui! Não vai adiantar nada toda essa encenação se você se comportar como uma selvagem.

– Felizes são os selvagens que não precisam usar chapéus nem sapatos. E eu poderia vir sozinha. Você que insistiu nesse plano!

– Oh, sim, porque seria hilário você se apresentar na porta da prisão tentando entrar! Mulheres não costumam ser bem-vindas aqui

– Elas são bem-vindas em algum lugar? Eu poderia ter entrado pelo jardim.

– E se o sujeito for mesmo um assassino? Ia ser o crime do século, uma mulher morta dentro da cela mais florida da Irlanda do Norte!

Mark achou por bem não continuar: o capitão Hastings se aproximava em passos ligeiros, seu uniforme cáqui muito bem cortado e limpo contrastando com as paredes maltratadas atrás dele. A prisão não pertencia ao Exército – o capitão era apenas mais um especialista chamado para resolver o mistério. No entanto, ele caminhava com a desenvoltura de um patrão, florescendo como um lótus, as raízes fixas no pior tipo de lama, entre os lamentos e ruídos das portas de ferro pintadas de branco onde se escondiam ladrões, assassinos, separatistas e outros tantos criminosos de menor calibre.

Quando Nigel tomou a mão da jovem em um cumprimento formal e claramente enojado, Stella assustou-se ao sentir quão gelados eram os dedos de seu interlocutor. Eram como o mármore de sua própria pele: por um instante, procurou algum sinal nos olhos escuros e sem vida do capitão, algum tipo de traço que o ligasse a outro mundo. Mas ele era apenas humano e pouco afeito a cortesias, porque logo já se pusera a andar novamente, os solados de suas botas ecoando no chão encerado do amplo corredor principal da cadeia, celas ocupadas dos dois lados, portas trancadas de modo que ninguém poderia ver quem vinha.

Stella podia sentir o som das plantas à medida que se aproximavam da última cela, nos fundos do corredor. Nem Mark nem o capitão seriam capazes de notar como tudo se alterava, como o ambiente se tornava mais silencioso e o ar mais espesso. Os humanos, com seus sentidos tão embrutecidos, não tinham como perceber as mudanças nas nuances da luz que vinha de trás daquela última porta de ferro.

O carcereiro já esperava do lado de fora com ancinhos e um carrinho de mão. Ele fez o sinal da cruz quando viu Stella – era algum código que ela deveria responder? Por que ele a olhava com medo?

– Antes que eu abra a porta... – Nigel disse, em um tom de voz baixo – Creio que seja necessário explicar uma coisa a respeito do prisioneiro... Ele pode não responder se vocês tentarem conversar, embora não seja surdo. Ele simplesmente parece não compreender nossa língua. E pode ser que diga coisas ininteligíveis aos seus ouvidos. É gaélico, o primeiro idioma dele, ao que parece.

– É violento? – Mark perguntou.

– Não, mas eu não deixaria a jovem se aproximar muito – o capitão olhou para Stella de alto a baixo mais uma vez. – Nunca se sabe com esse tipo de gente. Ainda bem que estamos preparados para este tipo de... Eventualidade.

A “preparação” era um revólver preso ao cinto do capitão. Stella desviou os olhos para o carcereiro que se ocupava em destrancar a porta. O

homem prendeu a respiração e murmurou uma prece antes de enfim abrir a cela.

Era o equivalente a um jardim botânico transferido para dentro de um armário de vassouras. O carcereiro se persignou outra vez, mãos trêmulas; Nigel Hastings deu um passo para trás, tão pálido que Mark quase ergueu o braço para apoiá-lo. O perfume vindo da cela derrubaria uma pessoa mais fraca: era mais forte do que dez estufas, do que mil florestas.

De todos eles, Stella foi a única que não pareceu surpreendida. Com um olhar muito breve para o meio-irmão, deu um passo à frente e ergueu a mão muito levemente, tocando as plantas que se erguiam pelas paredes: folhas que cortavam pele humana, defesa que não vinha daquele mundo, e que se voltavam para ela atraídas pela força em seus dedos.

O silêncio súbito assustou o prisioneiro, que ainda assim não se atreveu a erguer o rosto, mesmo vendo que diante de seu campo de visão limitado havia um par de botas femininas e não os pés dos carrascos. Tinham enviado uma mulher para atormentá-lo? E por que não era capaz de ouvir o resto do presídio? Todos os ruídos, o choro e os gemidos, o som dos passos e das grades, tudo havia cessado de chofre, deixando apenas aquele silêncio inquietante que lhe trazia lembranças há muito enterradas no fundo do peito.

– *Mo lui na gréine.*

Éamonn ergueu o rosto mais do que depressa. Ele conhecia aqueles cabelos, aquela pele dourada cheia de manchas. Quem mais, nos trinta em

anos que ele caminhara naquela terra desacorçada, lhe chamaria de pôr-do-sol, ainda mais no idioma antigo? Só uma pessoa tinha acesso àquele carinho.

Ela não parecia ter envelhecido muito: as roupas modernas lhe davam um ar ridículo, uma criança em trajes de adulto, mas aqueles olhos entregavam sua idade, o mundo de onde tinha vindo. Ele a reconheceria até mesmo no inferno – e se aquela prisão não era uma antessala do inferno que lhe esperava, o que mais poderia ser?

– Bem como você tinha dito que seria – ele olhou em volta. A voz mal lhe saía da garganta, um mero sussurro que arranhava o ar fino. – Oi, Stella. Minha alucinação preferida! Depois de tanto tempo... morri faz quantos dias?

– Do que está falando?

– Sabe? Eu ‘tava me perguntando quando você iria chegar. Acho que fiquei em... Como se fala? Quando cê tá dormindo como morto, mas não tá morto? Coma? Bom, isso. Pois bem, tô pronto! Quando é que partimos?

– Partir? Para onde?

– Ué, para onde os mortos vão depois que morrem. Você me disse... Da última vez que nos vimos. Faz tempo, né? Podia ter vindo antes. Mas se veio agora, ótimo. Antes assim do que na força. Não é bem digno, mas pelo menos...

– Éamonn, você está vivo. Bem vivo. – Stella se aproximou – Essas plantas não são alucinação! Nada disso é. Como você fez isso?

– Eu?! Eu não fiz nada! Eu lá sei mexer com esses troços?! *Você* não fez isso? Não é... Não é como antes? Lá na Bélgica? – Éamonn sentou-se no que passava por uma cama. Suor lhe corria pelo rosto corado de pânico – Stella. Stella! Quanto tempo se passou procê?

– Um dia. Cem anos. Não importa. Conte-me tudo. Eles não podem lhe ouvir agora. – Seus olhos fundos focaram algo estranho: ela tomou as mãos de Éamonn entre as suas por um instante, franzindo a testa.

– Que tá procurando? – o prisioneiro puxou as mãos de volta com raiva, escondendo-as atrás de si.

– Não deveria...

– Deveria, mas não tem. Sou só eu no mundo, agora.

– Ela morreu?

– Para mim, sim!

Stella assentiu, voltando sua atenção para a porta da cela: um mundo do lado de fora, ainda pulsando em desespero como só as criações humanas podiam ter. Ou era só o eco do coração de Delaney entre seus dedos, ainda vivo apesar de tudo? Ela já não era capaz de responder. Tudo o que tinha pensado que viria quando a porta se abrisse tinha caído por terra.

Ele ainda era o mesmo por dentro; o coração ainda soava da mesma forma, o calor do corpo tão convidativo quanto antes. Mas todo o resto tinha

se alterado: as cicatrizes de batalha tinham desbotado, o olhar carregava um peso diferente. Não era mais o menino de vinte anos que havia sido, com medo da morte na ponta de uma baioneta: era um homem com mãos calejadas e uma acusação de assassinato nas costas. As flores naquela caixa de concreto faziam menos sentido do que aquela mudança de comportamento do homem que agora encarava Stella sem a menor intenção de desviar o rosto. O Éamonn que ela tinha um dia conhecido odiava sangue tanto quanto odiava a guerra – se estava uniformizado e marchando, era porque tinha sido coagido. Como poderia estar ali, com uma sentença pendendo sobre ele, por causa da mesma violência que odiava?

– Conte-me o que houve. Por que você está aqui?

– Não tem o que contar. Eu 'tava em um pub num sábado. Deu briga, me tiraram de lá na base dos cascudos. No domingo me puseram a ferros dizendo que eu joguei esse policial aí debaixo das rodas dum carro bem na frente do pub. Não acharam o culpado, então vieram atrás do bode expiatório.

– Você não é um bode!

– E faz lá muita diferença eu ser um bode ou não, Stella? – Ele se permitiu rir diante do absurdo – Queriam alguém pra dançar no cadafalso e eu sou bom dançarino. Sou filho e irmão de arruaceiros republicanos, não sou? Pra me matar, é coisa fácil. É questão de acabar com praga, que nem matar barata ou pombo.

– E por que seu pai e seu irmão não te tiraram daqui?

– Que parte do ‘sou só eu’ não ficou claro? – e de novo a risada triste –
Anda, Stella. *Mo réalta*. Vamos terminar logo com isso?

Stella se pegou olhando para o chão forrado de heras e grama alta, reprodução fidedigna da terra do Outro Lado. Se não vinha dele aquela pulsão, e não vinha dela, o que estava causando aquela pequena insurreição? Ela precisaria erguer a barreira em algum momento, precisaria deixar Mark e aquele militar de mãos frias entrarem; precisaria continuar fingindo que aquelas roupas não estavam incomodando e que o ar daquele mundo não estava transformando seus pulmões em rocha. Mas não conseguia mais erguer a mão, não conseguia se afastar: aqueles olhos castanhos que um dia tinham sido tão cheios de vida agora lhe encaravam esperando por um fim.

– Você está vivo, Éamonn.

– Se tô mesmo, então por que é que tô te vendo? Por que tô vendo esse jardim? Quando vieram as plantas... Entreguei a alma pra Deus. Cê me disse. Quando eu visse de novo as plantas, é porque eu tinha morrido duma vez. Eu ‘tava esperando. Ia ser bom... sonhar com tudo aquilo de novo. Sonhar com você de novo.

– O que aconteceu lá existiu. Não foi sonho. E existe ainda. Eu *exist*o! E...e também... E também todo o resto! – ela olhou para as pontas dos sapatos que tanto lhe incomodavam. Não entendeu porque não conseguia mais falar. O que havia de errado com sua voz?

Era o pânico que vinha dele e que silenciava os dois. O que antes era

apenas uma alucinação agora se tornava uma memória de um tempo vivido e perdido, e a memória se transformava em algo sólido e cruel como uma corda ao redor do pescoço.

– Cê deu que nome pra ele?

– O nome que você pediu para dar.

– E ele é parecido com você ou comigo? - Éamonn enfim conseguiu cuspir as palavras. Não estava nem bravo, nem contente.

– Com você.

– Coitado! – Ele começou a rir de nervoso, rir de desespero. Riu até que as risadas se transformaram em lágrimas e as plantas ao redor dele começaram a murchar e perder as cores, se mimetizando com o branco e o cinza das paredes. Até afundar o rosto contra o ombro de Stella, e por ela ser consolado.



IV. O CONTRÁRIO DA NATUREZA

NIGEL ODIAVA O PAPEL DE parede que a esposa tinha escolhido para a sala, todo cheio de cerejeiras e passarinhos e Deus sabia mais o quê. E cada vez que voltava para casa, depois de passar um dia inteiro enfiado até a tampa do crânio nos meandros da prisão de Crumlin Road, ele fazia questão de evitar o quanto podia tanto a sala quanto a pessoa que tinha decorado o aposento. Era seu segundo casamento e, embora soubesse que era contraproducente comparar as mulheres de sua vida (Emilia, afinal, estava morta há anos), não conseguia evitar. Emilia não teria escolhido aquele maldito papel de parede. Emilia não teria reclamado tanto de ser transferida para Belfast com o marido. Emilia não era tão irritante em seus ciúmes.

Emilia não teria cogitado a ideia de convidar o major inglês para jantar. A sorte de todos é que Mark Brown e sua esquisita irmãzinha tinham se recusado, com toda a polidez possível: precisavam pegar o ferry de volta para

a Inglaterra logo cedo. Tinham levado consigo amostras das plantas amaldiçoadas, feito promessas e falado tecnicidades, mas resposta mesmo... Nenhuma. Não ainda.

E para piorar – e era aquele detalhe que estava deixando Nigel acordado até aquela hora ridícula – o prisioneiro pareceu diferente quando a dupla de ingleses foi embora. Mais irritado, mais vivo. Talvez tivesse sido a garota. Homens, no fundo, eram apenas animais de caça com casacos e calças: ele tinha sentido cheiro de presa fácil e se animara com a possibilidade, ainda que extremamente remota, de uma última chance com uma fêmea da espécie.

Fosse como fosse, Delaney prometia dar mais trabalho dali para a frente. O dia de seu julgamento não poderia demorar. Se ele começasse a se revoltar como os outros presos, seria um caos. Nigel conseguia facilmente imaginar aquelas malditas heras se espalhando pelos corredores de concreto, pelas grades e balaústres, por toda a extensão do presídio até tomar a rua ou o bairro inteiro se assim lhe aprouvesse.

Como antes, em Mons.

Nigel nunca se esquecera de quão estranho Delaney era para seus olhos, ao mesmo tempo o leão e o cordeiro; tão educado e risonho com as enfermeiras, o irmão mais velho que consolava os meninos de dezessete anos forçados pela sociedade a se alistar e, ao mesmo tempo, o oficial que não fazia muito caso de ficar de vigia a noite toda, o homem que atirava primeiro. Delaney era amado por todos, mas ele era só um oficial, e um oficial pobre

ainda por cima: não tinha direito ao lugar na mesa junto com os militares mais graduados.

Ninguém entendia porque Nigel Hastings tinha tanta birra com o oficial. Um espirro que o sujeito desse era motivo para punição. E ninguém entendeu, tampouco, porque Hastings mandou Delaney marchar na vigília naquela noite em que ele foi morto. Importava o motivo? Hastings tinha o controle da tropa – sua palavra era lei. Se ele queria aquele oficial na trincheira, ele o teria.

Sua palavra mandara um homem adorado para a morte certa. E sua punição foi vê-lo despertar embrulhado em heras, tratado pelos soldados como um santo. Nigel o mandou de volta para Belfast, com uma recomendação e todas as piruetas possíveis. Não poderia tê-lo em sua tropa. Deus não permitiria que ele morresse uma segunda vez. E ele perderia o comando de uma vez por todas.

A guerra tinha acabado. Uma guerra civil se erguera no território e parte da Irlanda se tornara independente. Nigel casara, enviudara, casara de novo. E lá estava ele, em uma sala com um papel de parede ridículo, insone, calvo e cansado. E pensando em como seria diferente se Delaney tivesse de fato morrido nas trincheiras de Mons.

Ou se ele nunca tivesse morrido.

Se tivesse tido seu lugar à mesa, ao lado dele quem sabe. Se a vida tivesse jogado outras cartas, se as coisas pudessem ser diferentes.

Se Nigel não tivesse descontado sua raiva no oficial de Belfast e lhe enviado para a vigília naquela noite maldita, Éamonn não teria nem morrido e nem renascido. Nada daquilo teria acontecido.

Algo chamou sua atenção na parede diante de seus olhos. Uma sombra estranha, uma mancha na cerejeira estilizada. Ele se ergueu, a testa franzida, os olhos já cansados. Uma mariposa? Uma mancha de mofo?

Heras. Heras de verdade, brotando do centro do tronco pintado de marrom e dourado, erguendo-se na direção do teto. Os tordos nos galhos pareciam ter mudado de posição, olhando para baixo e não para cima, surpresos com o surgimento de algo tão improvável.

Nigel arrancou a planta com tanta força que acabou levando junto parte do papel de parede. O rombo no desenho revelava um muro cinza, com aparência frágil e velha.

– Então você teve um filho. – Mark disse. – E nunca me contou!

Estavam sentados cada um em sua cama, em um quarto pequeno de hotel. O cheiro de mofo do papel de parede, azul com estampas de rosas-da-índia em tons de branco sujo, era contrabalançado pelo perfume enjoativo de sabão dos lençóis. Stella estava murcha, os braços compridos ao redor do corpo; vestida com a camisola de flanela que o irmão roubara da esposa, parecia ainda mais fantasmagórica, as manchas verdes um pouco menos polidas, menos atraentes aos olhos. A chuva havia parado há pouco: o vento

que balançava as janelas trazia cheiro de mar e de fuligem das ruas, um odor que fazia Stella espirrar.

– Não estou me queixando do sujeito ser um irlandês. Vocês lá do outro lado sabem o que fazem quando se decidem... você sabe. Mas não ter me dito...! Stella, você é minha irmã! Pelo amor de Deus! Do que você ficou com medo?

– Medo? Não foi *medo*. Simplesmente não era algo que você precisava saber. Vocês, humanos, tem seus ritos. Nós temos os nossos. O que você considera algo horrível é normal para mim. É necessário. E assim foi feito.

– Bem, se você diz... mas você se afastou dele? Eu pensei que era... como era com a nossa mãe. Vivendo um pouco de cada lado. Acordado de um lado, dormindo de outro.

– Não quis que ele vivesse dividido... É cruel. Sei quanto nossa mãe sofreu, sem poder viver com você e comigo ao mesmo tempo. Sei que foi escolha, sei que ela compreendeu os termos e os aceitou... Mas a escolha doeu. Ele tinha outra pessoa em mente o tempo todo. Eu o deixei partir para viver com ela por inteiro.

– Ele era casado com outra?

– Não. Só comprometido. Não entendo sua raiva. Você fez o mesmo. Antes. Antes de eu te conhecer. Antes de tudo.

– Eu não era noivo de ninguém naquele tempo – Mark fechou o cenho.

– E você não tem noção de como aquilo me persegue. Eu penso naquele bebê todos os dias.

– Se ele tivesse sobrevivido, você daria a ele um lugar entre os seus? Ao lado da sua esposa e das suas outras crias?

– Se ele tivesse sobrevivido, Stella, minha vida seria outra. Não haveria esposa ou filhos. Mas isso não é sobre mim. É sobre essa... Essa situação. Ajude-me a compreender. Se nada mais os une, se o menino não vai ter contato com o pai, se é esse seu *rito*... Se é isso que você diz que é... Eu não consigo entender. Você usou um homem para gerar uma criança, como se ele fosse uma planta da qual você tirou um galho pra fazer um enxerto!

– Por que parece tão escandaloso? Vocês, humanos, não fazem a mesma coisa?

– Certamente não com essa... não com essa cara-de-pau! O que estamos fazendo aqui? Como foi que aquela floresta surgiu? É culpa sua? Culpa do que vocês dois tiveram?

Stella não respondeu. Por uma vez em sua existência, queria ter a capacidade humana de poder fechar os olhos e cair no torpor da inconsciência. Não ter de pensar, não ter de sentir a pele coçando, os nervos pulsando como se tivessem vida e vontade próprias. Não precisar admitir que a parte humana de sua existência estava lhe queimando o céu da boca, fazendo com que seu inútil coração se contraísse dentro do peito. A questão que a trouxera para aquela terra estranha não tinha sido resolvida: nenhum

humano era capaz de produzir flores daquela forma, mesmo se tivesse tido relações com alguém do outro lado. Éamonn não tinha nem mesmo uma gota de sangue feérico. E, no entanto...

O que eles tinham tido havia acabado. Tais eram as leis. Uma vez obtido o resultado da união, o par se desfazia. Não eram como os humanos, que em geral se atrelavam uns aos outros pelo resto de suas vidas terrenas, para o bem ou para o mal. Não havia motivo para lamentar-se. O filho que eles tiveram era belo tal e qual o homem que o gerara, com os mesmos cabelos vermelhos e o mesmo olhar doce. Em seu tempo, seria ele próprio uma admirável criação e traçaria seu caminho pelo mundo, deixaria sua marca. Do que mais ela precisava?

– Ele não matou aquele homem.

– Stella, homens mentem. O tempo todo. Tente não crer muito – Mark se deitou na cama, de costas para a irmã. Não queria encará-la depois de ter sido lembrado de seus atos passados. – Não me deixe perder a hora. O barco parte às dez.

– Mark, você também mente?

– Sim. É claro que minto – ele não se dera ao trabalho de erguer o rosto. – Minto para minha esposa, quando digo que você é filha de meu *pai*, quando na verdade é filha de minha *mãe*. E para meus filhos, quando digo que existe Papai Noel ou fada dos dentes. Mentimos para sobreviver. O tempo todo. Boa noite, Stella. Não me deixe perder a hora. Eu quero voltar

para casa logo. Não tínhamos que ter vindo.

– Você se ofereceu – e, com um suspiro – Não sinta raiva de mim, meu irmão. É a natureza das coisas.

– Não sinto raiva. É só... – girou-se na cama – Eu sou só um homem, Stella. Eu não entendo os meandros desses mundos. Eu mal entendo você. É que não me passa na cabeça o que leva as pessoas a aceitar esse tipo de acordo. Só isso. O que há de tão especial?! Esses calos. Essas manchas. Essa... Essa selvageria! Essas malditas plantas e essa miopia e esse seu ar de sabe-tudo! O que há de tão especial em vocês para que uma pessoa, em sua *consciência*... Como se dá o feitiço, Stella? Porque se trata de feitiço, só pode ser isso. É o pólen, alguma coisa assim. Não vejo como uma pessoa poderia ter escolhido de livre e espontânea...

– Durma – Stella fechou os olhos, trincando os dentes afiados com tanta força que chegavam a estalar como madeira verde na fogueira – Ou pelo menos cale-se de alguma maneira!

Mark levou as mãos aos lábios. A irmã, do outro lado do quarto, se encolhera em seu leito, virando o corpo para não ter que encará-lo - para que ele não visse como a raiva transformava suas feições.

– Desculpe. Stella, desculpe. Desculpe! Eu não quis dizer...

– Você já o disse. Apenas... Apenas durma. Você precisa descansar – a voz soava distante, fria como as pedras - Tem razão. Você deveria ter ficado

com sua esposa. E eu deveria ter ficado com quem me cabia ao invés de enxugar suas lágrimas.

Stella esperou que o irmão dormisse a ponto de começar a roncar para sair da cama. Belfast do lado de fora da janela parecia ameaçadora e fria, mas não poderia ser pior do que as trincheiras e casernas por onde seus pés tinham lhe levado anos antes. Olhou para as mãos sem as luvas, para o jade em seus braços iluminado pela luz amarelada dos postes na rua. Não eram feios, não a seus olhos. Não aos olhos de quem tinha partilhado com ela um tanto de vida.

Queria ter tido capacidade de explicar ao irmão que ela mesma não entendia bem as leis dos mundos. Se pudesse, ficaria parada em algum lugar, qualquer lugar que fosse. Não tinha culpa de que seus pulmões apodreciam respirando aquele ar pesado do mundo humano, assim como não conseguia aquietar-se quando estava entre os seus. Mark acreditava em coisas que ela não compreendia – em uma alma e um Deus único e benevolente; no domínio da natureza e na ordem correta dos mundos. Ele seria incapaz de permitir que sua natureza saísse da jaula na qual tinha sido criada, admitir que havia mais existências do que aquilo que ele via diante dos olhos.

Ele poderia aceitar que ela existia e dividia seu sangue, contanto que ela se vestisse como uma humana e agisse como uma humana.

Era justamente a parte humana de seu corpo que lhe atraía para Éamonn, antes. E fora a natureza humana dele que selou o acordo: ele queria algo para aplacar a dor da ausência, ela queria criar algo belo a partir do que sentiam um pelo outro. Para ela, parecia óbvio: duas mentes que se

compreendem precisam, necessariamente, se multiplicar. Tinha sido gerada daquele mesmo modo, e seu pai antes dela: sua gente sentia-se atraída pelo que lhe faltava e os humanos, por sua vez, se atraíam pelo que havia de sobra neles.

Tinha sido um erro ter vindo até ali. Agora, era sua natureza humana quem ditava as cartas: era a curiosidade acima da cautela, aquilo que tinha lhe gerado um herdeiro, que lhe trouxera para a órbita de Mark e sua família mesmo quando deveria abandoná-los. Aquilo que lhe fizera tomar as mãos de Éamonn e duvidar do que dissera sobre os motivos de seu retorno à Terra. Que tipo de promessa era aquela, que resistia a uma guerra, mas não sobrevivia a um tempo de paz?



V. CAVETE TIS QUOS NATURA SIGNAVIT

A RUA ERA EXATAMENTE COMO Éamonn tinha narrado, com suas calçadas ruins e suas casas estranhas, muito altas e assustadoras, vinte famílias por prédio se empilhando à maneira dos morcegos nas cavernas ou dos cupins em seus reinos. O ex-oficial da Guarda Irlandesa, ali, tinha fama de santo. Se foi preso, foi por engano. Ou porque ele tinha envolvimento com os separatistas republicanos - mas o que ele poderia fazer? O pai e o irmão eram amigos daquela gente, tinham morrido de armas na mão nos primeiros levantes contra o governo. Aquilo – e o abandono da noiva – tinham acabado com ele.

– Não que ele tenha falado nada, dona – uma senhora disse a Stella, enquanto espantava crianças da sala escura e mal arejada. O cabelo branco da mulher brilhava como neve de janeiro contra o sol fraco do lado de fora, o único ponto de luz no local – O coitado parece que perdeu a voz na guerra.

– Como assim?

– Não sei dizer direito pra senhora. Ele era tão animado. Antes... E depois... Tá certo que muito moleque que voltou lá da Europa voltou assim. Deus me livre de lembrar de como eles ficaram – ela se persignou. – Teve um ou outro que não aguentou. Deus os perdoe. A gente achou que... Que ele ia ser o próximo. Uma hora ou outra. Mas aí... O tempo foi passando. Ele arranhou um emprego lá no Jardim Botânico, assentou... E aí aconteceu isso.

– Você acha que ele...

– Mas nunca. O menino nem 'tava lá... A gente falou isso pra polícia. Mudo e bobo, ele. Ficou besta depois da guerra. Não faria mal pruma mosca, mesmo com aquele tamanho todo. Mas parece que palavra de gente que nem a gente e nada...

Daquela rua, perguntando aqui e ali, ela se viu de volta ao centro da cidade, às casas belas e aos jardins cuidados, aos carros com chofer e mulheres em roupas engomadas empurrando carrinhos com bebês. Eram dois planetas opostos ocupando o mesmo território: como era possível que os humanos vivessem daquela forma e ainda assim achassem mágica a ideia de outros mundos bem debaixo de seus inúteis narizes? Stella pensou em perguntar isso depois para Mark, mas depois fechou os olhos e decidiu que iria descobrir sozinha. Eram onze horas: ele já devia ter embarcado no ferry de volta para sua ilha, e era tudo.

Stella imaginava bem como deveria ser a mulher que ela encontraria

quando a porta daquela casa ajardinada se abrisse. O corpo que Éamonn descrevera, porém, havia se transmutado por completo. Não existia mais a cintura fina nem os cabelos da cor de linho que tinham sido tão elogiados pelo prisioneiro de Crumlin Road. Os olhos que ele comparara com a doçura das corças agora eram apenas olhos cansados. Os trajes escuros contrastavam com a vitalidade das crianças a seu redor: um menino de cinco anos agarrado às saias escuras e uma menina de dois anos grudada no colo da mãe.

– O que foi, dona? Não tem comida nem roupa velha e não tenho interesse em comprar rifa pra igreja.

– Molly O’Hara? – Stella já se arrependia de ter vindo.

– Eh! Eu? Faz trocentos anos que não me chamam desse jeito. Desembuche, dona, que eu tô com comida no fogão! Se veio dar notícias lá daqueles vagabundos lá dos bandos de Donegal, perdeu seu tempo. Não vou pro enterro de nenhum filho da mãe naquele fim de mundo. E também não vou emprestar mais dinheiro pra ninguém! Cês pensam que eu sou o quê?

– Eu vim por causa de Éamonn Delaney.

Molly perdeu a cor do rosto em questão de segundos. A criança em seu colo começou a chorar, enquanto o menino mais velho fixava seu olhar na estranha à sua frente. Por um instante, Stella achou que aquele era um filho de Éamonn – tinha idade para isso, tinha o porte alto e magro como o do ex-soldado. Mas o menino tinha olhos muito miúdos, da cor dos céus de verão, cabelo muito ralo e loiro. A menina no colo de Molly era igualmente loira e

pálida, nada parecida com a mãe.

– Quem te mandou aqui? A senhora é da imprensa? Uma dessas tais solteironas que vivem de escrever bobagem no jornal? – A voz de Molly tinha diminuído pelo menos trinta decibéis, mas não perdera o amargor – Eu não tenho mais nada com ele! Por que veio atrás de mim? – Do nada, ela voltou sua atenção para a criança em seu colo – Cristo, Maybelle, pare de chorar! Parece que viu um fantasma! Inferno!

Molly entrou na casa e Stella, muito quieta na soleira, não sabia se deveria segui-la ou partir. Não havia utilidade em nenhuma das ações – tanto quanto não houvera utilidade alguma em ter vindo até aquela parte de Belfast apenas para ver o rosto daquela mulher.

– Entre duma vez! Ou vá embora e feche a porcaria da porta! Está frio!

Stella entrou depressa, fechando a porta atrás de si. Não pôde evitar a careta de dor ao ver que brotos tinham surgido no batente onde ela pousara a mão instantes antes. Depois ela se explicaria, se houvesse tempo.

Na cozinha, Molly tinha colocado a criança chorona em uma espécie de gradil aberto. O menino pulou para dentro do chiqueirinho e ficou consolando a irmã, espremendo-se no metro quadrado que o móvel ocupava com a desenvoltura de quem estava acostumado com o movimento e a gritaria. Agora Stella notava que a dona da casa, tirando panelas do fogão e fechando janelas, estava grávida. A curva do ventre era pontuda, disfarçada apenas pelo avental que tinha sido arrancado com um gesto enfurecido.

– Foi ele quem mandou você aqui? – Molly sentou-se com espalhafato diante da mesa– Meu marido não pode ficar sabendo.

– Eu só vim...

– Você é a garota dele? Cê conseguiu fazer o filho da mãe falar de novo? Pelo menos? Ou prefere os mudinhos? Eu sei que tem mulher que gosta de estropiado, e não é que tenha sobrado muito homem pra casar depois da guerra...

– Com quem você se casou?

– Com um capitão do Exército.

Stella apenas prendeu a respiração, como via Mark fazer quando estava nervoso com alguma coisa. Não que adiantasse grande coisa – seus pulmões não eram muito funcionais; a troca de oxigênio nela se dava pela pele, formando aquelas crostas tão doloridas em braços e pernas – mas pelo menos a impediu de dizer tudo o que se estava se passando em sua mente naquele instante.

– Vocês se casaram? Éamonn e você. Antes do capitão.

– Claro que não. Não tinha condição. Retardado como ele ‘tava? Mudo! Tantã! Acordava e dormia e nem uma droga duma palavra. Não nasci pra pajejar louco.

– Então os meninos...

– São filhos do meu marido. *Obviamente* – e a palavra foi tão dura que Stella compreendeu que se tratava de uma mentira disfarçada, como quando Mark dizia para os filhos que não havia sobremesa mesmo quando haviam doces escondidos longe do alcance deles.

– Não são do Éamonn.

– Óbvio que não! – Molly engoliu em seco – Meu marido não pode saber disso. Você entendeu, dona repórter?

– Eu não sou uma repórter.

– Então o que diabo que você é?!

Tudo o que havia de humano nela lhe viera à tona em questão de segundos, observando o rosto de Molly. E lembrando-se dos dois Éamonnns que ela tinha conhecido –o soldado de vinte anos e o prisioneiro de trinta, animais que partilhavam o mesmo corpo. Stella compreendeu enfim o que estava fazendo os músculos involuntários se contraírem, o que trazia tanto calor às suas têmporas.

Era o motivo que fazia Mark odiar a memória do passado, o filho enterrado e tudo o que não podia ser recuperado apesar de todo o esforço, apesar de novas uniões e novos nascimentos; o que tinha partido sua mãe ao meio, tantas décadas antes, dividida entre dois mundos que lhe pesavam por igual no centro do peito. Era o mistério que nenhuma das duas raças conseguia traduzir, que nenhum idioma explicava. Aquilo que insistia em

brotar e se erguer do solo mesmo depois de uma pequena eternidade. Duas mentes que se compreendem de verdade não se afastam, mesmo que se passem décadas.

Stella assentiu, novamente olhando para o cercadinho. O menino pequeno, que tanto lembrava seu sobrinho, sorriu de novo. Ele tinha descoberto seu disfarce e ela sorriu de volta: crianças humanas, até certa idade, sabem quando veem um ser feérico na frente. Quando eles perdiam a capacidade? Em que momento da criação eles se perdiam?

Por um instante muito breve, ela se pegou em um hábito humano: desejou mudar a ordem dos acontecimentos. Daria seus dedos para que aquela criança fosse mesmo herdeira do Sol Eterno, para que Éamonn tivesse tido a felicidade terrena que sonhara em sua trincheira. Eles dois só tiveram um dia contado em tempo humano e uma vida inteira em tempo inexato. Por que não poderia ter sido o contrário?

– A senhora não vai me dizer mesmo quem é?

– Seu marido sabe sobre o Éamonn, senhora Hastings?

– Não. Nunca contei. Já me dei por feliz que ele não se importava de eu não ser exatamente *moça*. Ele era um viúvo, não 'tava em condição de escolher muito, mas eu também não 'tava podendo fazer muita firula... Quem é a senhora?

– Eu sou...

E ela parou, vendo o buraco no papel de parede da sala: o rombo no centro da árvore pintada no papel, revelando o estado terrível do muro. E os brotos que insistiam em surgir entre os tijolos e o reboco. Molly pareceu subitamente preocupada com as crianças no cercadinho, com a segurança de todos ao redor.

– Isso é recente.

– O meu marido odeia esse papel de parede – Molly bufou. – É um Morris & Co legítimo, sabe o tanto de trabalho que dá pra trazer isso de Londres pra cá? Mas ele nem para respeitar o meu gosto.

– Senhora Hastings... A senhora mentiu para mim – Stella encarou a dona da casa. Molly olhou para as mãos da visitante, para os brotos de planta que escapavam dos canos de suas luvas, para o modo como o pescoço da jovem subitamente ganhava tons de verde – Seja honesta comigo. As crianças são filhas de quem? Não são do seu marido. Eu conheço seu marido, ele tem olhos pretos como o fundo de um poço. Não poderia ter gerado ramos assim. O sangue dele é mais forte do que o seu: criações dele só poderiam se parecer com ele. São filhos de Éamonn?

– Não. Não são dele.

Molly recostou-se contra a parede. Por um longo instante, ela temeu pela própria vida, assassinada por um monstro desconhecido, por uma mulher maluca com mãos de grama e olhos de cor de mata virgem. E então ela reconheceu o que estava diante dela e começou a chorar de raiva, de medo e

de tristeza. Éamonn havia lhe dito, quando ele ainda sabia falar, que um anjo em verde lhe resgatara da morte em Mons; ela não acreditara, fizera pouco de seu delírio e de suas memórias. Por isso ele perdera a pouca voz que ainda tinha. E assim ela tinha perdido o que ele tinha sido para sempre.

Éamonn sabia que tinha sido traído enquanto estava na trincheira. Ele dissera que não se importava, porque ele também tinha cometido seus crimes. Ela quis saber o como e o quando, quem ela era, se ele a amava – mas ele não sabia dizer. Tinha simplesmente acontecido e era tudo. Agora Molly compreendia: ele não tinha palavras em seu vocabulário limitado para descrever toda a extensão de um milagre.

A atenção de Stella tinha se voltado uma vez mais para a parede: as heras agora tomavam toda a extensão do desenho, cobrindo o que restara de árvores, pássaros e céus.

– Ele exige o *quê?*!

– Um padre! O Jardineiro exige a visita de um padre, capitão!

Hastings ganiu um palavrão entredentes: só faltava mais aquilo. Mal pusera os pés no presídio de Crumlin Road, chamado pelo administrador aos berros logo cedo, e tinha sido rodeado por carcereiros e funcionários, todos com pânico nos olhos. Aquela gente não se impressionava com qualquer coisa; muitos já tinham servido em guerras e a grande maioria já tinha visto sua cota de suicídios, enforcamentos e envenenamentos dentro daquele

prédio. Para colocá-los naquele estado de nervos, algo realmente desastroso tinha que ter acontecido.

E acontecera: a porta da cela dezoito não abria porque estava envolta em cinco camadas de heras. Quanto mais os carcereiros tentavam arrancar as plantas, mais elas cresciam e mais fortes se tornavam. Dois deles mostraram ao capitão Hastings as lacerações em suas mãos: era como se tivessem segurado lâminas de baioneta entre os dedos. Os outros prisioneiros, trancafiados sem direito a banho de sol enquanto não se resolvesse a questão, batiam nas portas de metal de suas celas e gritavam obscenidades e palavras de ordem contra a administração. A balbúrdia se ouvia do outro lado da rua; logo viriam os repórteres e as hordas de curiosos, a polícia e o Exército teriam que ser chamados.

– Um padre? Pois chamem um padre! – Hastings disse, se esforçando muito para não gritar. Ele não era o chefe nem o dono do presídio, mas estava sendo tratado como tal mesmo que não quisesse a responsabilidade – Chamem o arcebispo se ele atender o telefone, o Papa se alguém conseguir ligar para Roma! Querem que essa cadeia vá para os ares?!

– Então vá falar com ele enquanto isso, capitão. Veja se consegue acalmar a fera. Ele exige falar com o senhor.

– De todas as pessoas no mundo?!

– De todas as pessoas no mundo, senhor... – O administrador era quinze anos mais velho do que Nigel. O tom obsequioso de sua voz era

enjoativo e perigoso. *Você despertou o monstro*, ele parecia dizer em silêncio. *Ponha-o dormindo de novo ou nós vamos fazer isso com ele e com você.*

Hastings marchou na direção do fundo do presídio, o sangue latejando em seu pescoço no ritmo de um tambor de guerra. Gás mostarda, amônia, sangue seco, lama: de novo e de novo Mons em sua mente, aquela manhã funesta, aquele caixão barato e aqueles rugidos que ecoavam dentro de seu peito, fazendo tremer o centro de sua existência. As plantas agora se espalhavam pelo chão de concreto e alcançavam as grades do corredor, formando arcos e túneis frescos e estupidamente convidativos, armadilhas para animais e humanos com suas flores brancas e doces. Quanto mais se aproximava, mais silencioso tudo se tornava, seus pés arrancando o mato que crescia novamente em instantes.

– Delaney! – Hastings bateu com os dois punhos na porta – Seu desgraçado! Pare com isso neste instante! Não me obrigue a mandar descer essa porta com um aríete!

– *Pois que venha isso e mais meia dúzia de carabinas, vê se eu tô lá me importando!*

– O que foi que te deu? – Hastings disse em voz mais baixa, as mãos agora espalmadas contra as plantas – Pelo amor de Deus... Pelo amor do *seu* Deus, seja lá quem ele for. Você não é desse mundo, não é? Por favor. Recolha estas plantas.

– *Não tenho controle sobre isso, seu palerma! Acha que já não teria arrancado isso daqui se pudesse?*

– Pare de mentir. Eu me lembro. Você voltou dos mortos coberto dessas plantas.

Hastings sentiu o sangue que escorria entre os dedos cortados, tingindo as heras de um tom estranho. Cera de vela sobre tampos de madeira. Emilia sendo velada em uma câmara-ardente, e antes um outro velório improvisado em uma capela semidestruída na Bélgica. Se Éamonn Delaney tivesse morrido em 1914, Emilia teria vivido: era a única certeza que Nigel Hastings tinha na vida. Se ela nunca tivesse ouvido a confissão bêbada do marido, nunca teria tomado aquela decisão insensata que acabou com seus dias.

Ele tinha mandado um homem para a morte certa em uma vigília porque era preferível um cadáver a mais no cemitério do que a morte do lado de dentro da alma.

Mas aquele era quem Deus tinha escolhido para si. E ele lhe puniu por sua pretensão.

– Eu arranjo um padre. O que você quiser. Mas recolha essas plantas. Pelo amor de Deus! – e, recompondo-se na medida do possível, procurando um lenço para cobrir os ferimentos – A mocinha de ontem. Você quer ver a mocinha de ontem? Eu arranjo pra ela voltar aqui se você prometer que fica quieto! – Nigel agora sussurrava com o rosto contra as heras. – Foi ela, não foi, Delaney? Foi ela, não foi? Em Mons? Ela é o anjo do Senhor que lhe

trouxe de volta. Conte a verdade.

– Eu conto a verdade. Se você contar a verdade também. Por que eu? O que eu fiz? O que eu fiz pra você?! Por que me persegue como um diabo? Cê me mandou pra morte lá na Bélgica. Você me mandou marchar. Você me colocou naquele caixão! Você! Por quê? O que eu te fiz? Você me condenou a isso!

Nigel se afastou da porta. Não conseguia sentir mais o próprio rosto ou as mãos, a roupa em seu corpo lhe parecia uma mortalha de concreto. Ele viu os carcereiros munidos com suas armas e um aríete de metal, a postos para invadir a cela. O prisioneiro já tinha causado problemas demais.

– Não façam isso – Hastings soou exausto, choroso, sem nem mesmo perceber – Ele vai sobreviver. Ele é marcado por Deus. Ele é o anjo de Mons.

O administrador não ouviu. Apenas mandou que golpeassem a porta até que ela caísse, não importava quanto tempo demorasse. Mas com cada investida do cano maciço de metal, mais as plantas se erguiam em uma parede indevassável, as flores e folhas maceradas exalando um perfume oleoso e enjoativo como sangue humano. Cada golpe ressoava dentro do peito de Nigel, ecoando tal qual os morteiros em Mons, demolindo suas defesas e memórias.

A porta veio abaixo após quase dez minutos de batalha. Os tiros, no entanto, não foram necessários: não havia ninguém dentro da cela.



VI. UM PARAÍSO COM OUTRO NOME

ÉAMONN ABRIU OS OLHOS e viu o céu azul acima de sua cabeça, nem um rastro de nuvem manchando o firmamento. Uma brisa leve soprava de longe, trazendo perfume de flores e de água corrente. Definitivamente, não estava mais em Crumlin Road.

– *Agora* eu tô morto, certo? – ele disse, tentando se sentar no meio da grama alta.

– Não. Ainda não. Mas fiquei com medo.

A voz que se dirigira a ele era claramente infantil, falando com um pouco de dificuldade: alguém aprendendo um idioma novo, pronunciando todas as vogais e consoantes lentamente. Exatamente como Stella fazia.

– Você é o Seaghán, eu presumo? – de novo a risada de nervoso que

escondia as lágrimas.

– Eu mesmo.

– Tudo bem se eu disser que tô com medo de olhar?

– Tudo bem. Você me dá um minutinho? Mãe disse que, se ficar com formato de humano, assusta menos os outros.

– Bom menino – Éamonn cobriu os olhos com as mãos – Me diga quando posso olhar.

– Tá. É que nunca fiz isso. Péra aí...

Cinco minutos se passaram como cinco décadas, o Sol queimando o alto da cabeça e o aquecendo o brim das roupas de prisioneiro, um ruído muito leve que se assemelhava às plantas que se mexiam com o vento mais forte. E então uma mão muito leve pousou no ombro de Éamonn e ele enfim descobriu o rosto. Um menino de dez anos, ruivo e sardento, alto para a idade, queixo grande e nariz pontudo, estava lhe olhando com curiosidade nos olhos claros. Estavam, os dois, diante de um objeto de sonho.

– Deus do céu. Você é mesmo meu – Éamonn riu de novo.

– Puxa, o senhor é bem como a mãe disse que era! – e, como se lembrasse de repente de algo, ele estendeu a mão fria – É um grande prazer conhecê-lo – ele disse, de maneira ensaiada, extremamente formal. Stella na certa ensinou para o menino alguns dos protocolos humanos.

– Prazer em conhecê-lo – o ruivo aceitou o cumprimento – Então... Só pra eu ter uma ideia... Isso aqui é Tir na n'Óg? Ou é outro departamento do paraíso?

– Aqui é aqui. – Seaghán sentou-se na grama diante do pai – Só isso. Vocês falam em Irlanda e Inglaterra e outros tantos nomes, mas é tudo terra. Né? Mesma coisa.

– Faz sentido. Bom, não tô morto, então?

– Não.

– Ôxe, mas o que um homem precisa fazer pra falecer em paz, hein? – Éamonn tentou soar como se tivesse dito uma piada. O garoto não compreendeu: seus olhos se arregalaram em susto, e o irlandês achou que ele iria começar a chorar – É só modo de expressão. Desculpa. Cristo, que confusão do cacete. Desculpa! – ele bufou – Ô, caramba. Palavrão na frente de criança, pelo amor de Deus... que tá me acontecendo?

– Desculpa eu – Seaghán disse – Não devia ter mandando as plantas.

– Então foi *você*! – Éamonn quase gritou. O menino se encolheu de novo. – Desculpa! Não tô bravo! É só... Cê sabe que não nasce rosa em concreto. Sua mãe te disse. Não?

– Ela disse. Mas o senhor parecia tão... – o controle do idioma tinha ido para o espaço: Seaghán gaguejava, se enrolava com as palavras, as vogais engolidas na pressa para falar – É que mãe não me deixa sair. Ela diz que sou

muito pequeno. Não sou pequeno! Ela fala que eu vou virar pedra mas não é verdade! Não é! Ela fala que era pra deixar o senhor em paz, que o senhor tinha outros ramos pra cuidar. Mas... Mas...

Éamonn abraçou o menino. Demorou um instante para que o rapazinho entendesse que se tratava de um gesto de carinho, que aquele sujeito imenso como um pinheiro não estava tentando quebrar seus ossos, mas sim cobrir o que parecia um dolorido buraco na couraça que era a pele de ambos. Ficaram ali, quietos, até que o menino parasse de tremer e até que Éamonn parasse de chorar, o mais novo com a cabeça apoiada no ombro dolorido do mais velho, o Sol tomando conta dos dois como um parente particularmente propenso a mimos.

– Como cê me achou?

– Avô me ajudou. Ele já não pode ir à terra, mas ele entende os mapas e os mundos todos – Séan disse, com voz miúda, ainda um pouco choroso – Ele me fez aprender como se acha nossa raiz no mundo. Fui espalhando plantas onde achei que tinha achado rastro. Onde o senhor era lembrado. Mãe vai ralar comigo...

– Vai, não. Falo com ela. Pode deixar.

– É que o senhor não pode ficar aqui.

– Eu sei.

– Também não pode voltar lá praquela caixa.

– Sei disso também. Mas pra tudo se dá jeito. Não ia ser o primeiro fugitivo do mundo. Por enquanto... – ele parou, respirando fundo – Outros *ramos*, você disse? Como assim?

– É. Como nas árvores. Sabe? O senhor plantou sementes em outras pessoas. Mãe disse que...

– Sua mãe esqueceu que humanos não tem destino certo. As coisas nunca vão do jeito que a gente quer. Não é que nem semente de planta que você põe na terra e germina e pronto. As coisas... – Ele parou, olhando para o alto. O imenso céu azul parecia tão convidativo e tão assustador ao mesmo tempo. Ele estava tonto. Não sabia se de fome, de medo, de cansaço, tudo aquilo junto ou talvez alguma outra coisa que ele ainda não conhecia.

E então ele entendeu o cansaço: fazia uma década que ele não falava *tanto*. As palavras saíam de dentro de sua garganta como água de uma fonte, a língua estranhava seu talento recém-recuperado. Ele tinha morrido, renascido, morrido de novo e mais uma vez arrancado da boca do leão: aquilo era exaustivo. A tontura só aumentava; parecia febre de trincheira quando eclodia e paralisava as pernas e cegava os olhos dos soldados desnutridos e desmoralizados, mergulhados até os joelhos na lama.

– Se queria me ver, não podia ter pedido pra sua mãe?

– Ela disse que não era pra ficar perguntando.

– Por que não?

– Porque o senhor tinha vida do outro lado. Que o senhor tinha que viver de um lado só. Mas queria saber, queria e queria. Meus cabelos de humano são como papoulas. E as manchas no meu rosto não são de rocha, mas também não vão embora. Não pareço com mãe, nem avô. Mãe vai embora para terra, mas não me deixa seguir com ela. E o senhor não vem para cá quando fecha os olhos. Avô disse que fui criado como todos por aqui, mas... Mas se é assim... Por que não tenho raiz? Nem de um lado, nem do outro?

A voz de Seaghán se calou. Suas lágrimas eram estranhas, nada senão farelo de pedra muito verde que escorria pelo rosto transmutado ao mesmo tempo belo e horripilante, sua natureza inexata revelada na hora de seu desespero. Éamonn compreendeu de onde vinha aquela dor: ele próprio a carregava em si. Não poderia dizer para aquela criança que, até alguns dias atrás, seu pai acreditava que sua concepção tinha sido apenas um delírio causado por febre e dor. Ele era real, aquele céu imenso era real. Tudo o que tinha vivido até aquele instante – Belfast e sua pobreza, Bélgica e o sangue derramado em nome de protocolos e orgulhos inúteis – tinha sido apenas um sonho ruim. Mesmo Molly e tudo o que tinha prometido parecia, agora, apenas algo imaginado.

– Se quiser, te ensino como se fala meu idioma – Éamonn disse – É raiz o suficiente. Sua mãe já deve estar voltando, não?

– Sim. Se ela não foi atrás daquele homem e daquela mulher antes.

– Quem?

– Aqueles da árvore de papel. Os dois pensam no senhor... Achei que o senhor estava lá, de tanto que eles pensam – Seaghán parecia confuso – Mãe disse que as mulheres da terra sonham com o que lhes cabe. Com aquilo que desejam e que não podem tocar durante o dia. Mas não me disse que os homens também sonham a mesma coisa. Quando aquela mulher sonha, ela vê o senhor falando e isso entendo. Não é bem o senhor que ela vê. É outro que se parece. Mas quando *ele* sonha... Ele ouve o senhor rugir e marchar. E não entendo.

– Seaghán, você vai ter que me levar até esse lugar – Éamonn se levantou. A palidez do rosto e o suor frio fizeram o menino se assustar novamente.

– Mas não posso sair!

– Eu sou seu pai e digo que você vem comigo *agora!*

O rapazinho ergueu-se depressa, os olhos imensos não mais refletindo medo. Parecia que ele tinha esperado toda uma eternidade por aquele instante: para atravessar o véu dos mundos, para ter um título que pudesse carregar em seus ombros pequenos. Para finalmente estar em companhia de quem era de sua origem, ainda que daquela maneira torta.

Éamonn podia ouvir, de longe, o som do aríete ainda tentando arrombar a porta de ferro. O som, acolchoado pelas árvores, parecia ser o de explosões de morteiros distantes. Não poderia voltar naquela direção: Nigel Hastings tinha trazido as seis carabinas, provavelmente, e talvez até mais. Não queria

provar de maneira empírica se tiros de armamento humano feriam ou matavam seres de outra esfera e não pretendia, ele próprio, se tornar um mártir àquela altura dos acontecimentos.

– Onde fica essa árvore de papel, Seaghán? – lhe ocorreu perguntar na última hora.

Foi Molly quem o reconheceu primeiro: agachada contra o cercadinho onde os dois filhos gritavam a plenos pulmões, assustados com a invasão da vegetação que tinha tomado toda a sala: um matagal denso de heras e cipós, orquídeas e acônitos púrpuras e extremamente venenosos. Stella estava presa ao chão, meros cinquenta metros de distância, e ao mesmo tempo era como se estivesse em outro continente, tentando combater o crescimento das plantas, seus olhos arregalados de pânico ao ver que nada estava em seu controle. O eco dos golpes do aríete era ouvido tal qual trovoadas: o que estava impedindo a porta de se abrir em Crumlin Road tinha adquirido vida própria e agora engolia o outro lado da cidade.

Seaghán correu para o lado da mãe, agarrando-se à sua cintura. Stella abaixou-se com dificuldade, tocando o rosto do filho com a ponta dos dedos muito feridos. Os dois conversavam em voz baixa, o horror ainda presente nos vocábulos estrangeiros que trocavam entre si. Enquanto isso, Éamonn foi mais prático: muniu-se de uma faca de cozinha e saiu cortando o que viu pela frente, até conseguir ao menos libertar Molly e as crianças, puxadas para fora do cercadinho com mãos duras, pouco acostumadas com ossos e pele infantis.

Os dois se encararam em silêncio, sem fôlego, sem força. O mundo tinha andado para trás: Molly era outra vez bela como os anjos, como as corças e os céus; e Éamonn aos olhos dela parecia ter retornado enfim da pilha de cadáveres da Bélgica, o mesmo brilho nervoso nos olhos escuros que tinham feito com que ela se apaixonasse no passado.

Molly desviou o olhar para a sala, para Stella e a criança ruiva, para o fato de que as plantas estavam começando a desaparecer aos poucos. A situação tinha sido contornada; não se ouvia mais o ruído das bombas. Seaghán agora era mesmo um menino, preso aos braços da mãe que não sabia se ralhava ou se surpreendia com o que tinha acontecido.

– Jesus Cristo, Éamonn. Mas nem se fosse seu irmão gêmeo esse moleque pareceria tanto com você. – Molly disse. Não havia sarcasmo em sua voz, embora seus olhos tivessem retomado a tristeza de antes – Tem o nome do teu pai ou do teu irmão? Ou nenhum dos dois?

– O do meu pai. Pelo menos quando ele parece gente, é como ele atende.

– O que aconteceu?

– Não vou nem tentar explicar. Não tem explicação plausível. Apenas... Só me diz, cê acabou casando com um capitão chamado Hastings?

– Sim.

– E esses aí – ele olhou as crianças agarradas à mãe – são filhos dele.

– Não. São do outro. Aquele do tempo que você 'tava na trincheira.

– Ele sabe?

– Quem, o meu marido? Não!

– Pensava mais no outro, na verdade... O menino tem mesmo a cara daquele carcamano idiota! – Éamonn mordeu o lábio – Hoje não tô bom, mesmo. Palavrão na frente de criança *de novo*.

– *Grá mo chroí*, minha sala foi invadida pelo Jardim Botânico inteiro e você tá preocupado com isso? – Molly tentou rir, mas a voz lhe saiu engasgada.

– Não me chama assim – o ruivo bufou, se afastando – Que esse nome não é mais teu.

– É dela? – Molly apontou Stella com o queixo – É como você a chamava?

– Cê me acuse de mil coisas, mas não disso. O que era teu, era teu. O que é dela, é dela – ele resmungou, caminhando para longe: para Stella e para Seaghán, a família que tinha lhe restado. Molly viu como aquele ser monstruoso se convertia novamente em humano, como os olhos e a pele retomavam as cores corretas e o cabelo se afinava, voltava a parecer apenas cacheado e não aquela cortina de cabos pesados.

Ela tentou apurar os ouvidos por cima do choro dos filhos para tentar

entender o que Éamonn estava dizendo para a moça de outro mundo. Só conseguiu entender duas frases acima de toda a barulheira: *vocês foram bem-intencionados, mas tornaram tudo mais impossível. Eles vão me matar de um jeito ou de outro.*

As duas crianças se acalmaram. As plantas sumiram por completo. Não havia mais nenhuma marca nas paredes ou no chão: apenas o buraco no centro da árvore pintada, revelando o cinza da parede. Éamonn sentou-se na primeira cadeira que viu, olhando para Molly e para Stella como quem vê a prova de um milagre e o cadafalso ao mesmo tempo. O passado e o presente, e nem um nem outro eram mais de verdade a seus olhos. O que ele tinha desejado um dia, e aquilo que ele tivera de fato – potências diferentes, mas igualmente intensas, ambas agora escorrendo de seus dedos para sempre.

– O que acontece se ele for embora com você? – Molly perguntou para Stella.

– Ele não pode viver por muito tempo por lá. Iria acabar enlouquecendo. Eu o devolvi para você!

– Depois que arrancou o que queria! – A loira olhou Seaghán com curiosidade – Não dá pra negar quem é o pai dele. Você não pensou que ele tinha alguém aqui? Esperando por ele?

– Eu sabia. E foi por isso que não voltei para ele, nem deixei que ele voltasse para minha terra. Sei como os humanos são... Ou pelo menos achava que sabia. Acho que não sei mais nada – a criatura prendeu novamente a

respiração.

– Foi você quem roubou a voz dele, também?

– Não. Isso é culpa daquele lamaçal. Muitos outros voltaram do mesmo jeito. E virá outra batalha como aquela e logo. Questão de anos até recomeçar.

Molly olhou para o filho, que agora estava com a irmã mais nova no colo. Éamonn pousou a mão contra o ombro de Seaghán sem pensar muito. Stella queria poder falar de tudo o que tinha visto, do futuro que estava para germinar daquela terra cheia de sangue; mas falar não impediria nada de acontecer.

– Diga uma coisa, dona. Ele não pode ficar lá, se não fica tantã de novo. É isso? Mas quanto tempo demora pra isso acontecer? Tempo o suficiente pra esquecerem dele aqui?

– Provavelmente. Não saberia dizer. Medidas de tempo não são uma ciência tão exata assim. O que você tem em mente?

– Tenho em mente que ninguém vai se importar se ele sumir – Molly continuou – Não tinham se importado antes, não é agora que vão começar. Vão dizer meia dúzia de coisas sobre um milagre e é isso. Quem vai se atrever a colocar recompensa num anjo do Senhor?

– Ele não é um anjo!

– Eu fui a primeira que soube disso, dona, e você provavelmente foi a segunda – Molly deu de ombros – Mas quem vai acreditar em mim se eu contar? Ele tem família pra cuidar, agora.

Éamonn pensou em retrucar: não era bem assim. Mas, ao mesmo tempo, era. Seaghán tinha o nome de um avô que ele nunca chegaria a conhecer, morto antes da hora por crer demais em um futuro imaginado, por acreditar que pólvora e sangue mudavam destinos; Stella tinha sido sua esposa por um ano inteiro, bem mais do que Molly jamais fora. Ele tinha vivido aquele ano em um dia – Stella tinha sido uma amiga e depois uma amante, e por fim tudo o que ele quisera da vida. Quem diria que era mesmo um pecado?

– Por que você não casou com o pai das crianças? – o ex-oficial perguntou.

– Porque as coisas não funcionam na ordem que a gente quer! Ele é um carcamano e um degenerado, mas ele me deu o que eu queria. Vá, antes que seja tarde. E que Deus te perdoe por tudo. Que Deus nos perdoe – ela voltou sua atenção para Stella – Você não me disse o que você é no fim, dona.

– Tanto melhor que você não saiba – Stella disse – O que você não sabe, não pode ser arrancado de você. Vem conosco. Aquele homem não vai poder ir atrás de você.

– Nigel não é mau – era a primeira vez que Molly usava o nome de batismo do marido. Ela também se sentou, ajeitando a filha pequena no colo,

acariciando seus cabelos muito claros – Nós temos uma coisa em comum – voltou-se para Éamonn – Não volte para Belfast. Vá para longe, onde não possam te achar.

– E você?

– Vou ficar bem - ela forçou um sorriso tranquilo - Pelo menos, agora eu sei onde você está!

– É, pelo menos isso – ele bufou – Eu sinto muito.

– Eu também, querido. Se eu soubesse...

Parte dele queria ficar, queria provar sua inocência; estava exausto de plantas e magia e toda aquela confusão, de ser puxado de um lado para o outro como um objeto inanimado. Mas sua alma, entregue ao Deus todo-poderoso semanas antes, quando as paredes da prisão brotaram em uma primavera impossível, sabia muito bem o que queria. Seu coração e sua voz tinham ficado do outro lado do véu dos mundos, possessão de quem agora lhe conduzia de volta a si próprio.



VII. 1926

OS ESTRANHOS ACONTECIMENTOS NA prisão em Crumlin Road foram tema de diversas pesquisas espiritualistas na década seguinte. O assunto, porém, sumiu da mente coletiva à medida em que outros problemas mais prementes surgiam no horizonte. A narrativa, disseram, era exagerada e dramática, bem ao gosto da gente do país – sem provas e com as testemunhas falecendo ou pouco dispostas a falar, quase nada restou da historieta, apenas a lenda floreada ao gosto do freguês.

De quando em quando, porém, prisioneiros que eram acomodados na cela dezoito relatavam um cheiro estranho no ambiente, algo que lembrava incenso e matas. Um dos prisioneiros se tornou um político de certo renome no país e, em suas memórias, recordou o caso com um tanto de humor: aquela era a cela mais silenciosa de todo o presídio, disputada por quem não temia fantasmas e por quem não tinha alergia a pólen.

Dois dias após a afamada invasão da cela, em que Nigel e os homens do presídio não encontraram nem jardim nem jardineiro, um homem se apresentou na delegacia para assumir a culpa pela morte do policial. Ele era alto e loiro, em nada parecido com Éamonn; o motivo da morte foi uma aposta que não foi paga a contento.

Nem o morto nem o homem que foi efetivamente enforcado pelo crime seis meses depois conheciam aquele que ficou famoso pela alcunha de Jardineiro. Os jornais fizeram certo estardalhaço, mas também logo encontraram outros escândalos para se ocupar e o caso foi arquivado.

Uma canção contando a lenda do Jardineiro fez certo sucesso entre os marinheiros e militares por anos. O tema acabou se tornando folclore; na diáspora irlandesa do pós-guerra (posto que o maior produto de exportação do país ainda era sua gente), a canção acabou alcançando a América e se modificando até perder todo o sentido original e acabar, Deus sabia como, em um filme sobre gângsteres produzido nos anos 1970, com uma letra que nada tinha a ver com a temática original.

Depois dos acontecimentos em Crumlin Road, Nigel Hastings foi promovido. Ou pelo menos era o que diziam. Tinha sido na verdade transferido para cuidar de funções burocráticas no quartel – um trabalho calmo e entediante que ele cumpriu com dignidade até se aposentar, com direito a um relógio de ouro e uma placa de agradecimento de seus superiores. Seu filho mais velho formou-se em Química – para o desgosto do pai, que teria preferido que ele tivesse seguido carreira militar. Molly nunca

contou ao garoto sobre sua origem verdadeira, assim como Nigel nunca contou a Molly que ele sabia de tudo e que não se importava. Eles viveram juntos, até mesmo felizes, cada um com suas heras presas ao coração. As heras de verdade, estas nunca mais apareceram: ninguém na família conseguia fazer um pé de feijão crescer em algodão molhado.

A esposa de Mark Brown faleceu sem que ninguém percebesse, alguns meses após o retorno dele da viagem inútil a Belfast – o marido trabalhando, os filhos no colégio interno, a casa silenciosa como o paraíso em um domingo. Mark achou que haveriam flores como antes, como quando Stella viera enterrar a mãe deles. Pensou que haveriam glicínias e orquídeas que lhe consolassem de sua tristeza, aquilo que a garota sabia fazer de melhor. Mas nada floresceu. E nenhuma visita surgiu na estufa de ares orientais, antes tão mágica e agora tão comum. Ele passou noites a fio acordado dentro da casa de vidro, esperando por algo que tinha sido espantado – algo que sua violência tinha, sem querer, arrancado da terra.

E em um dia de outono, um homem muito ruivo apareceu na estrada do condado carregando uma mala em uma mão e um bebê acomodado sobre o ombro, acompanhado de um pré-adolescente em óculos muito pesados e roupas desajeitadas.

Quando o trio chegou no casarão, Mark mal e mal conseguiu reconhecer Éamonn. O recém-chegado, em seus trajes um tanto empoeirados, parecia mais um irmão mais velho do prisioneiro de Crumlin Road. O rosto tinha ganhado algumas rugas ao redor dos olhos, algumas das cicatrizes

tinham se desbotado e outras se escurecido; mas o cabelo e as sardas —as marcas do filho do Sol Eterno— permaneciam sem alteração.

– Este aqui é o Stíofan – Éamonn mostrou o bebê de um ano que dormia chupando o dedo, embrulhado em uma manta de tranças verde muito pesada, alheio aos ruídos ao seu redor – E este é Seaghán. Stella disse que devíamos lhe procurar.

Eram filhos dela, sem dúvida: tinham os olhos doces, o queixo afiado, o porte ossudo. E também manchas nas pernas e braços, de um tom escuro e brilhante que lembrava opalas: constelações e planetas inteiros escondidos no sangue dos dois meninos ruivos como fins de tarde no campo.

– Como ela está?

– Bem. Mandou lembranças. E diz que sente muito por sua esposa.

– Ela não pretende voltar mais para cá? Já se passou muito tempo. Ela não pode estar brava comigo ainda!

– Ela não tem mais como ficar indo e voltando. A gente teve que... Sabe, fazer um acordo. Com o povo dela. Por causa dos meninos. Por minha causa também... Nossa situação é meio irregular, a gente tem que ir contornando. Ela disse que o senhor entenderia.

–Por quanto tempo você vai ficar?

– Pelo tempo que as crianças aguentarem o ar por aqui. Depois a gente

inverte. E assim vamos vivendo. Stella disse que o senhor tinha como me arranjar uma ocupação. Eu sei fazer de tudo um pouco, mas sou bem bom com plantas em particular.

Mark não tinha uma resposta para aquilo. O que tinha era um tanto de inveja da esperança resoluta que via naqueles olhos castanhos, naquelas mãos imensas que seguravam aquela criança com o cuidado de quem manipula algo sagrado. Céus e infernos haviam salvo sua vida não uma, mas duas vezes: ele tinha decidido não se perguntar mais se aquilo era o certo ou não.

Éamonn começou a trabalhar como jardineiro – a princípio, tomando conta da estufa no terreno de Mark e, depois, como uma espécie de consultor para outras casas no condado. Onde ele ia, iam junto os dois meninos – Stíofan acomodado em um carrinho de mão forrado com mantas e travesseiros velhos, um chocalho improvisado com sementes e uma xícara de ágata o único brinquedo; Seaghán caminhando ao lado do pai levando ancinhos e pás em outro carrinho.

Os filhos de Mark, que sentiam saudades da mãe e da tia, olhavam para os recém-chegados de maneira desconfiada. A idade do desencantamento tinha chegado para eles dois de maneira forçada, mas ao mesmo tempo algo mágico ainda parecia resistir dentro deles: quando levavam Stíofan junto com eles em suas excursões pelo terreno, era como se fossem fadas raptando uma criança para o reino inexato. Quando batalhavam com Seaghán com suas espadas de madeira, eram mais humanos do que muitos soldados no campo de batalha.

Éamonn contava histórias como Stella: não com a mesma cadência nem com o mesmo vocabulário, mas com tanto encantamento e conhecimento de causa quanto a tia de quem os meninos tanto sentiam falta. À noite, antes de se recolherem para dormir, ficavam as quatro crianças sentadas ao redor do gigante de sotaque pesado, Stíofan no colo do pai e os três mais velhos bem próximos, ouvindo sobre Tir na n'Og e Mag Mell, os mundos para além dos olhos humanos, as cortes de inverno e de verão onde o tempo era elástico e tudo era possível.

Se alguém dizia que seu nome era familiar, Éamonn apenas sorria, dizendo que Delaneys existiam às mancheias na ilha de onde ele tinha vindo: um deles tinha até sido preso uma vez em um escândalo famoso, já tinham ouvido falar? O interlocutor sorria, polido, o assunto pois encerrado sem consequências.

Assim tinham passado por um ano e por outro, seguindo o trajeto do sol pelos céus e o das plantas no solo. Glicínias impregnavam o ar no verão, as maçãs desabavam de seus galhos no outono, narcisos amarelos venciam a neve do inverno e anunciavam a ressurreição do solo na primavera. Stíofan, como brincadeira e para ajudar o pai e o irmão em seu trabalho, arrancava ervas daninhas com dificuldade, as raízes se recusando a ceder terreno: às vezes, o pai achava que as plantas se viravam procurando o menino, as folhas acariciando seus cachos com um pé de vento. Nessas horas, ele fazia uma festinha do garoto e murmurava uma prece.

Quatro primaveras depois daquela chegada, o filho mais velho de Mark

estava retornando para casa, de férias do colégio interno, quando viu a cena na beira da estrada. Uma família caminhava tranquila pela floresta que ladeava a rota: pai, mãe e duas crianças. Demorou alguns segundos para que ele percebesse que se tratava de sua tia Stella e de Éamonn, ao lado de Stíofan e Seaghán. O jovem gritou com o motorista, pediu para que parassem o carro – mas quando alcançou a clareira onde tinha visto-os, não havia mais ninguém ali. Nada senão heras contra o tronco das árvores e flores muito púrpuras com perfume de incenso.

A história continua em

Os Filhos do Pôr-do-Sol



A casa de vidro

Martino, Anna Fagundes

9788592997007

78 páginas

[Compre agora e leia](#)

Flores não crescem do nada - ou crescem? Para Eleanor, era o mistério que não conseguia responder: qual era o truque daquele jardineiro contratado para cuidar da estufa em sua casa e que transformara o lugar em uma floresta imaginária. Sebastian, o tal estranho, parece um homem como qualquer outro - exceto pelas perguntas desconcertantes que faz, ou pelo fato de que as plantas obedecem seus comandos de maneira muito intrigante...

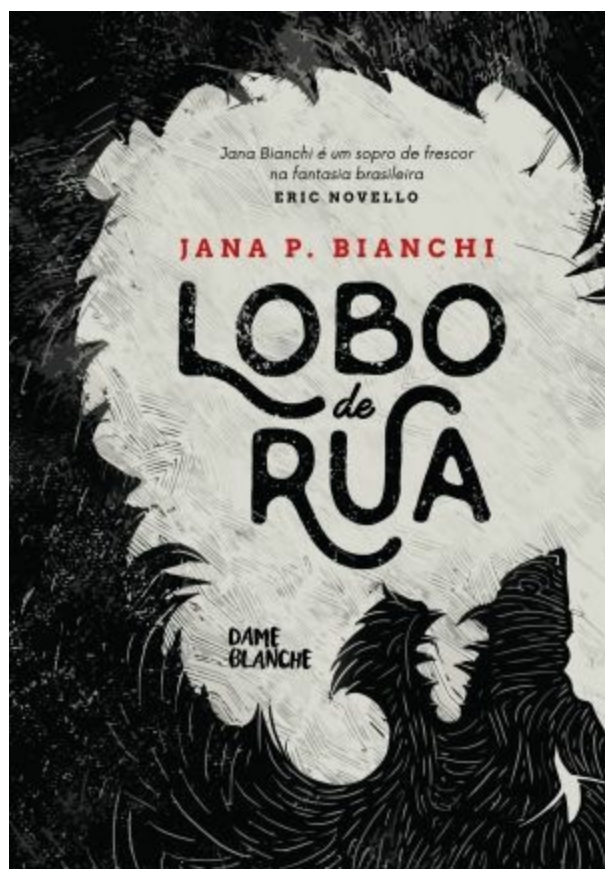
[Compre agora e leia](#)

Jana Bianchi é um sopro de frescor
na fantasia brasileira
ERIC NOVELLO

JANA P. BIANCHI

LOBO *de* RUA

DAME
BLANCHE



Lobo de rua

Bianchi, Jana P.

9788592997014

105 páginas

[Compre agora e leia](#)

Raul é um morador de rua, um homem invisível e desgraçado como tantos os outros. Como se sua desgraça não fosse suficiente, Raul contrai a maldição da licantropia, tornando-se um lamentável lobo de rua. Tito Agnelli não compartilha do abandono de Raul, mas conhece muito bem a sensação de ser rasgado por dentro, todos os meses, pela coisa vil que se abriga nele. Assim, compadecido com o sofrimento do recém-transformado, Tito acolhe Raul na Alcateia de São Paulo, extinta até então por falta de lobisomens residentes na Pauliceia. Depois de décadas de contaminação, Tito conhece cada detalhe da maldição que o transforma em lobisomem. Além disso, conhece também a Galeria Creta, um lugar em São Paulo onde ele e outros dos seus são bem vindos nas noites de lua. Basta pagar o preço.

[Compre agora e leia](#)



As boas damas

Madrigano, Clara

9788592997045

76 páginas

[Compre agora e leia](#)

"As boas damas" é a aventura de Annabel Watson, filha do famoso doutor e parceiro de investigações de Sherlock Holmes. Anos depois da morte dos pais, Anna vive com Holmes, seu tutor legal, que está prestes a se aposentar, até uma última cliente aparecer: uma dama da sociedade, que confessa ter assassinado o próprio filho, desafiando o detetive a descobrir suas motivações. Holmes, com Annabel a tiracolo, vê-se diante de um mistério que parece encobrir um mundo sobrenatural.

[Compre agora e leia](#)